

ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS: MARIA FIRMINA, CAROLINA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Francineide Santos Palmeira*

RESUMO: O projeto *Vozes femininas negras: Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo* objetivou averiguar, por meio da apreciação das obras: *Úrsula*, de Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Evaristo, em que medida os discursos dessas autoras assemelham-se e diferenciam-se no que tange as questões étnico-raciais/gênero. A leitura/análise desses textos permitiu-nos realizar um cotejo entre vozes afrodescendentes pertencentes a momentos históricos distintos, o que naturalmente evidenciou semelhanças e diferenças. De um lado, as autoras fazem parte de um grupo de escritoras negras que apresentam um contra-discurso em suas produções literárias questionando/rasurando uma tradição literária que representa a afrodescendência/afrodescendentes a partir de imagens negativas/depreciativas. Por outro lado, as escritoras retratam fases distintas da história afrodescendente: em *Úrsula*, os negros vivenciam a escravidão; *Diário de Bitita*, delinea estratégias de escravização do século XX, tais como o cotidiano das empregadas domésticas; *Becos da Memória* enfoca a reconfiguração da situação escravista por meio da moradia-favela/senzala. Em relação à questão de gênero, as obras se diferenciam visto que Firmina prioriza o contexto das mulheres brancas abastardas; ao passo que Carolina de Jesus e Evaristo retratam a questão entre a população pobre e negra. Enfim, essas escritoras construíram uma leitura da história afrodescendente que rasura a história oficial e discute a questão de gênero.

Palavras-chave: Escritoras; Afrodescendência; Mulher.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar um recorte do trabalho de pesquisa *Vozes Femininas Negras: Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo* que foi desenvolvido no período compreendido entre agosto de 2006 e agosto de 2007, sob a orientação da Dr^a Florentina da Silva Souza. Faz-se necessário destacar ainda que este trabalho foi realizado durante a vigência de uma bolsa de Iniciação científica PIBIC-UFBA-CNPQ e que o mesmo é integrante de um projeto maior intitulado *EtniCidades: História e Memória da Afrodescendência*. O projeto *Vozes Femininas Negras* objetivou averiguar — por meio da apreciação das obras: *Úrsula*, de Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo — como são construídas as representações acerca dos afrodescendentes sob a perspectiva de escritoras afro-brasileiras e em que medida os discursos dessas autoras assemelham-se e diferenciam no que tange as questões étnico-raciais e de gênero. É relevante destacar ainda que este trabalho tem relação direta com o meu projeto de Mestrado — *Vozes femininas nos Cadernos Negros*, já que em ambos estudo a produção de escritoras negras.

* Autora - Mestranda do Programa de Pós-graduação de Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, bolsista CAPES, e-mail: francineidepalmeira@yahoo.com.br. Orientadora: Florentina da Silva Souza

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo são sujeitos femininos negros que contribuíram com a luta história de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil por meio do instrumento da escrita, dialogando com Foucault (1970, p.2) quanto afirma que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos.”

Assenhoreadas desse poder, essas autoras afro-brasileiras produziram o que neste ensaio será denominada de Literatura Feminina Negra. Para entendermos esse conceito faz-se necessário trazer à tona algumas outras conceituações. Primeiro, o que é literatura feminina? Segundo a estudiosa Nelly Richard, (2002, p.133) “[...] qualquer literatura que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, [...] levaria o coeficiente minoritário e subvesivo (contradominante) do “feminino.” No excerto acima, Richard traz um conceito de literatura feminina no qual a condição *sine qua non* para realizar tal produção, não é atrelada ao sexo do sujeito da escrita, mas ao conteúdo da escrita.

De forma semelhante, de acordo com o conceito de literatura negra aqui adotada, o de Florentina Souza, a etnia não é uma prerrogativa da literatura afro-brasileira ou literatura negra, mas sim o discurso. Para essa estudiosa, essa literatura existe quando: “[...] poemas e contos instauram /adotam um discurso que constrói e assume uma identidade afro-brasileira e engaja-se num projeto político de repúdio ao racismo e suas manifestações e de combate às desigualdades sociais.” (Souza, 2005, p. 110)

A partir dos conceitos acima sobre literatura feminina e literatura negra, podemos definir a literatura feminina negra, a partir do corpus aqui estudado, como uma produção que traz em sua textualidade a percepção de um sujeito atravessado pelas identidades de ser mulher e de ser negra na sociedade brasileira. Outra característica dessa escrita consiste no fato de evidenciar a participação e a importância da contribuição dos afrodescendentes na história brasileira, com destaque especial para o papel desempenhado pelas mulheres negras. Essa literatura adjetivada lida tanto com a ficção quanto com as experiências vivenciadas.

Além do fato de serem escritoras afro-brasileiras, o estudo e o cotejo das obras Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo interessa ao projeto EtniCidades: História e Memória da Afrodescendência, devido suas trajetórias específicas, em relação a carreira de escritoras. Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei e atualmente é considerada a primeira escritora brasileira, além de ser autora do primeiro romance abolicionista que se tem conhecimento na literatura brasileira; *Úrsula*. Carolina foi uma catadora de papel, sem instrução formal que se apoderou da escrita e que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. E Conceição Evaristo se destaca pela atuação profissional e política, sua constância de publicação na série *Cadernos Negros*, a divulgação e a crítica respeitosa que vem recebendo do exterior e o seu próprio pensar da questão da literatura negra ou afro-brasileira. Interessa-nos perceber/averiguar os encontros e desencontros dessas vozes femininas negras que emergiram em momentos distintos, e que tem se destacado na trajetória da literatura afro-brasileira, a respeito das representações acerca da afrodescendência, dos/as afrodescendentes e das questões relacionadas ao gênero. Isso porque como o próprio nome indica, o projeto EtniCidade: História e Memória da Afrodescendência

mapeia as representações que foram feitas a respeito dos negros, afrodescendentes e da cultura afro-brasileira em geral para construir um acervo crítico da produção e circulação deste conjunto de representações.

A primeira questão que se destaca no cotejo entre *Maria Firmina dos Reis*, *Carolina de Jesus e Conceição Evaristo* é uma identidade em comum, já indicada no título dessa pesquisa-*Vozes femininas negras*: Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo; ou seja, a condição de ser mulher negra na sociedade brasileira. E essa identidade é muito importante, pois evidencia o lugar de fala das escritoras, já que nenhum discurso literário é neutro. A esse respeito Said, na obra *O Oriente como Invenção do Ocidente*, afirma que:

Muito do meu investimento pessoal neste estudo deriva da minha consciência de ser um “oriental” [...] De muitas maneiras o meu estudo do orientalismo foi uma tentativa de inventariar em mim o oriental, os traços dessa cultura cuja dominação foi um fator tão poderoso na vida de todos os orientais. [...] Enquanto isso, tão severa e racionalmente quanto pude, tentei manter uma consciência crítica, além de empregar os instrumentos de pesquisa histórica [...] Em nada disso, contudo, perdi jamais de vista a realidade do envolvimento pessoal de ter sido constituído como “um oriental”. (SAID, 1996, p.37)

Assim como Said evidencia no excerto acima, o seu lugar de fala, todos os discursos são produzidos a partir de um lugar de fala, não há discursos neutros. Escritores são pessoas que vivem em um determinado tempo e estão inseridos em uma determinada sociedade. Suas escritas surgem confirmando ou negando a eficácia, a validade dessa mesma sociedade, para todos os sujeitos pertencentes ao grupo. Dessa forma a construção dos discursos e as temáticas abordadas pelas escritoras e escritores encontram-se intimamente relacionados aos locais de fala das mesmas.

Embora as escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo possuam uma identidade em comum, a de mulher negra na sociedade brasileira, as mesmas a vivenciaram em momentos históricos e em contextos sociais distintos. Maria Firmina, no século XIX, Carolina de Jesus, na primeira metade do século XX e Conceição Evaristo, na segunda metade do século XX e início do século XXI. O que não impede de existir semelhanças entre as mesmas. Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo possuem acesso a um conhecimento institucionalizado e formal, a prova disso é que ambas prestaram concursos e ingressaram no magistério público. Outra característica comum entre essas duas escritoras é o prestígio social que as mesmas desfrutaram, na imprensa devido sua escrita e ao papel social que representavam. Contrapondo-se a Firmina e Evaristo, Carolina de Jesus não teve acesso a uma educação formal, só estudou até a quarta série, e o prestígio social que Carolina teve acesso com a publicação de seu primeiro livro *Quarto de despejo deve-se* mais ao fato dessa escrita trazer uma denúncia social do que ao caráter literário de sua obra. Por outro lado, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus foram empregadas domésticas e vão escrever sobre o cotidiano dos afrodescendentes no contexto pós-escravidão, no século XX, por meios de temáticas como: a vida na favela, a mulher negra de baixa renda, situações de violência contra mulher e a situação histórico-social do negro no Brasil.

Neste ensaio interessa-nos evidenciar além das possíveis relações entre as escritoras, as percepções resultantes do cotejo entre as obras *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo no tocante a gênero e etnia.

Cronologicamente falando, Maria Firmina dos Reis é a primeira a publicar sua obra. Tendo vivido no século XIX, Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei. Atualmente, temos conhecimento das seguintes obras da autora: dois romances, *Úrsula* (1859), primeiro romance abolicionista que se tem conhecimento na literatura brasileira, *Gupeva* (1861); o conto, *A escrava* (1887) e um livro de poemas denominado de *Cantos a beira-ma* (1871).

O texto de Maria Firmina aqui estudado, *Úrsula* (1859), inova ao trazer a história da afrodescendência brasileira, apesar da trama ser protagonizada pelos jovens brancos — Úrsula e Tancredo.

Os escravos representados nessa obra não se identificam com os valores dominantes nem reproduzem estereótipos, tais como “o negro de alma branca”. Pelo contrário, nesse texto o escravo Túlio possui qualidades derivadas da nobreza de seu sangue africano as quais sevem de modelo para descrição do protagonista da obra: “E que em seu coração [Tancredo] ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: [...]” (REIS, 1988, p.26), isto é, o branco considerado como o detentor de um comportamento modelar pela sociedade brasileira é descrito sob uma perspectiva que considera o negro como parâmetro moral. Além disso, os escravos nesse romance conservam suas práticas culturais como forma e resistência a escravidão, sua memória guarda a sua história, como podemos perceber na seguinte fala da escrava Mãe Suzana: “[...] a mente! isso sim ninguém a pode escravizar! [...]”. (REIS, 1988, p.35)

Entretanto, essa obra denuncia não apenas a situação vivenciada pelos negros, a subordinação da mulher no patriarcado brasileiro, herdeiro das relações coloniais, também é criticada nessa obra. A esse respeito Constância Lima (2005, p.443) afirma que “[...]Em uma reflexão inédita na escrita de seu tempo, Maria Firmina dos Reis fala como mulher e associa a dominação de raça à de seu sexo, vinculando, portanto, gênero e etnia.[...]” Como exemplo dessa afirmação de Lima, destaca-se a cena em que a jovem Úrsula, presa ao território familiar, inveja a mobilidade adquirida pelo escravo liberto, *vide*: “E Úrsula invejava vagamente a sorte de Túlio e achava mor ventura do que a liberdade poder ele acompanhar o cavaleiro.” (REIS, 1988, p.37/38)

Na seqüência cronológica temos Carolina Maria de Jesus. Nascida no século XX, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914. Carolina foi uma catadora de papel, sem instrução formal que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. Entre os livros dessa escritora destacam-se *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982 publicação póstuma).

Diário de Bitita é uma obra em que Carolina narra suas lembranças da infância e da adolescência, entre as quais destacam-se a busca por trabalho, sua visão de mundo, suas experiências, e suas opiniões. Embora esse livro tenha o nome diário, no título, não traz relatos cotidianos datados em seqüência. Ao invés disso, o livro é dividido em capítulos por temáticas, e os conteúdos destes se desenvolvem conforme as lembranças daquela temática, estando, portanto, mais próximo do que comumente se denomina de autobiografia.

Contudo, *o Diário de Bitita* também pode ser lido como uma história de caráter coletivo, isso porque a obra tematiza a história dos afro-brasileiros, no contexto da pós-abolição. A luta

cotidiana pela liberdade é evidenciada em *Diário de Bitita* em passagens como: “ Quando os pretos falavam: - Nós agora estamos em liberdade. – eu pensava” Mas, que liberdade é esta se eles têm de correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? (JESUS, 1986, p.56)

Outro fato a ressaltar em *Diário de Bitita* é o ponto de vista que evidencia as relações de gênero. Sob a denominação de gênero tem se buscado compreender a construção e a organização social da diferença sexual, isto é, uma relação que segundo Colling (2004) não é um fato natural, mas sim uma relação construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social. Uma construção cultural que hierarquizou a diferença entre os sexos, mascarando o privilegiando do modelo masculino por meio da pretensa neutralidade sexual dos sujeitos. Nesse sentido, destaca-se na obra um momento em que a personagem Bitita, após ser presa acusada de insultar o sargento, ouviu a seguinte frase: “-*Esta vagabunda vive viajando. Moça direita não viaja.*” (JESUS, 1986, p.181). Por ter participado do mundo público, tendo tido ações que era (são) consideradas do domínio masculino, tal como movimentos de deslocamentos constantes, Bitita é vista de forma negativa pelos moradores de sua cidade natal.

Já na segunda metade do século XX, destacamos um romance da mineira Conceição Evaristo. Além dos vários contos e poemas dos *Cadernos Negros* de sua autoria, essa escritora tem dois romances publicados: *Pociá Vicêncio* e *Becos da Memória*.

Becos da Memória enfoca principalmente a reconfiguração da situação escravista por meio da moradia: a favela/senzala. Na favela de Maria-Nova, os habitantes: putas, bêbados, malandros, crianças e mulheres sofridas vivem em uma intensa precariedade de tudo; comida, dinheiro, água. Até o território que habitam será retirado deles. Vivem o desfavelamento. Tudo isso é narrado sob a percepção da outrora menina Maria –Nova: “ [...] Maria –nova, um dia, escreveria a fala de seu povo. ” (EVARISTO, 2006, p.161)

Segundo Eduardo de Assis Duarte, *Becos da Memória* é um romance coletivo, marcado por uma pluralidade de sujeitos e de dramas em que ganha relevância não os efeitos de um herói, mas sim as vozes e gestos de muitos.

Outra característica dessa obra é a presença marcante das mulheres, como Vó Rita, Negra Tuina, Maria-Velha, Cidinha-Cidoca, Ditinha. Mulheres fortes que lutam cotidianamente pelo sustento familiar. Todavia, algumas vezes sofrem com a violência de seus conjugues. Esse tipo de violência, a violência contra mulher é definido como “um fenômeno extremamente complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade, na auto-identidade e nas instituições sociais” (Heise et al., 1994 apud Angulo-Tuesta, 1997) pode ser exemplificada pela seguinte passagem de *Becos da Memória*:

[...] [Fuizinha.] ia vivendo a pesar da morte da mãe e do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado usava a própria filha. (EVARISTO, 2006, p.76)

É visível no excerto acima que o personagem Fuinha desenvolvia uma relação familiar baseada nas dinâmicas de afeto/poder, nas quais estavam presentes relações de subordinação e dominação que alcançaram o extremo, já que a sua esposa e filha eram vítimas da violência doméstica. Como resultado, sua esposa foi a óbito e Fuinha passou a desenvolver uma relação com a filha que além da violência doméstica física e mental, era incestuosa. Quando questionado

sobre essa relação familiar, o personagem responde de uma forma que explicita o seu pensamento machista.

CONCLUSÃO

As obras *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo apresentam como característica comum o fato de trazerem a história do afro-brasileiro, contada sob a perspectiva do próprio, a partir do recurso da Memória. O cotejo entre as obras evidenciou que as autoras demonstram consciência de serem sujeitos femininos na sociedade brasileira e vão explicitar isso em seus textos artísticos, tanto por meio de personagens como por meio de prólogo. Além disso, O exercício da liberdade é uma temática que se encontra presente nas três obras. Esta temática aparece tanto relacionada ao racismo, como as preconceito de gênero.

No que diz respeito à questão de gênero, as obras se diferenciam visto que Maria Firmina prioriza o contexto das mulheres brancas abastardas; ao passo que Carolina de Jesus e Conceição Evaristo retratam a questão entre a população pobre e negra: *Úrsula* traz os personagens negros como secundários, ao passo que *Diário de Bitita* e *Becos da Memória* os trazem como personagens principais, com destaque para figura feminina negra. Todavia, em todos eles, é possível notar, a distinção entre ser uma mulher e ser uma mulher negra. A partir dos romances aqui analisados, observou-se que do século XIX ao século XX, modificou-se as nomenclaturas senhor /escravo por patrão/ empregado ou ainda a tutela sociedade escravocrata por sociedade capitalista, mas as relações sociais entre brancos e negros, autoridades e negros e as condições de submissão morais e econômicas nas relações de trabalho, mantiveram-se.

Enfim, o cotejo desses textos permitiu-nos observar que as vozes femininas negras aqui estudadas, por um lado, assemelham-se, ao construíram uma leitura da história afrodescendente que rasura a história oficial e ao discutirem a questão de gênero. E por outro lado, distinguem-se ao retratam fases distintas da história afrodescendente, como observamos anteriormente.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura Afro-brasileira*. Ano I – numero 1 – agosto 2.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2006. 167p.

JESUS, Maria Carolina de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3.ed. Rio de Janeiro: presença edições; Brasília: INL, 1988(Coleção Resgate/INL)

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.p.178-172.



SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 270 p.